21-10-2021

AO TRABALHADOR OS RESTOS DO BRASIL

Mariane Motta Ferreirinha

[Geógrafa e Professora – SEEDUC-RJ]

Mais uma manhã se inicia. No cotidiano do trabalho em meio aos livros, aulas online e atendimento remoto dos estudantes noto o movimento do espaço lá fora. O lugar é vivo.

É a dimensão mais palpável da existência dos sujeitos e da possibilidade de percepção das nuances cotidianas.

Dentro de casa ouço o meu lugar. Sim, é possível ouvir o lugar! Sua percepção não se dá apenas pelo esforço de observação, mas pelo aflorar de todos os sentidos. .....

Eis o meu lugar: Bangu, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, periferia carioca. O lugar que sofreu a reestruturação produtiva: da fábrica de tecidos ao Shopping Center, do histórico de contravenção de Castor de Andrade, do Complexo Penitenciário do Gericinó, dos conflitos e disputas territoriais de milícias e facções. Durante o trabalho, ouço o helicóptero do Exército e da Polícia Militar que sobrevoa baixo, fazendo tremer os vidros, a casa, as carnes. Ouço também o som seco e duro dos tiros, e logo me pergunto: será este de um fuzil 762 ou de uma pistola? Já aprendi a relacionar o som do disparo com a intensidade do perigo. Geralmente, quando o som é próximo o corpo imediatamente reage; e é como se em uma fração de segundo o sangue congelasse dentro das veias. Dependendo da intensidade do som, o trabalho prossegue.

O trabalho... Também ouço o trabalho! No final da tarde a kombi percorre as quadras e anuncia através da caixa de som: "Alô freguesa amiga! Alô, meu freguês! O carro das delícias está passando pela sua porta!" Contradição infeliz notar que a oferta de doces, bolos e tortas adoçam a boca, mas no fundo deixam um gosto amargo de fel. O trabalhador, o elo mais fraco que luta para reproduzir sua existência, equilibra-se na corda bamba de uma sociedade injusta e desigual buscando RESISTIR. Resistir em um país onde a inflação aumenta de forma galopante impactando diretamente os preços da cesta básica. Segundo dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), de dezessete capitais brasileiras pesquisadas, o Rio de Janeiro é a quarta capital com a cesta básica mais cara, custando cerca de R$ 634,40. A insegurança alimentar tem sido o pesadelo mais assombroso do trabalhador! A imagem emblemática da fila de idosos, homens e mulheres em um açougue sob o sol quente em Cuiabá aguardando a doação de ossos, se repete também no estado do Rio de Janeiro.

No bairro da Glória, trabalhadores se aglomeram em busca de restos de ossos e pelancas descartados pelos supermercados da cidade.

Uma contradição sórdida, visto que o Brasil dispõe do maior rebanho bovino do mundo (segundo dados do IBGE o campo brasileiro hoje conta com cerca de 218,2 milhões de cabeças de gado), no entanto, os trabalhadores vivem o retrato mais infame das contradições sociais, econômicas e de classe: a eles são destinados os restos do Brasil. Resistir em meio à um país mergulhado em uma crise política, econômica e sanitária. Os bolsos gordos do grande capital internacional e das grandes corporações não param de enriquecer. Enquanto as transnacionais lucram com a venda das commodities, esgotando nossas águas, envenenando nossos solos, expropriando os trabalhadores rurais de suas terras, no campo e na cidade o trabalhador luta pela sua existência em um país que joga ossos à sua gente, mas que ao rebanho bovino destina água, terra e comida. Valemos menos que uma arroba! Nossa gente já sabe disso, e por esse motivo se vira, dá um jeito porque precisa matar a fome.

Aqui no bairro, o carro das delícias não é o único, a cada dia que passa a variedade de produtos ofertados aumenta: o carro que conserta panelas, o carro dos ovos, o carro das frutas que aceita pix e que se gaba de tal feito apregoando pelas ruas através da caixa de som: "Aceitamos pix, freguesa! O pix "tá" na moda!".

A batalha começa no romper da alvorada, e sobre a informalidade não há romantismo tampouco o empreendedorismo falacioso pregado pelos coachs: há dados. São 25,2 milhões de trabalhadores brasileiros que vivem hoje a penúria da informalidade segundo o IBGE. O cotidiano se movimenta por aqui e consegue se tornar ainda pior pois há aqueles que nem mesmo o carro possuem, caminham pelas ruas com chinelos surrados, carregando não somente o peso dos produtos ofertados nas costas sob o sol ardente, mas o peso da insegurança alimentar e do descaso governamental.

Tem na pele as marcas das injustiças sociais, os sulcos das rugas no rosto deixam transbordar seus rios de sofrimento, águas de dor.

Sob a mira da bala, resistem; batendo de porta em porta, seguros por um fio de esperança. É o caso do Augusto do cloro, trabalhador que segue a pé empurrando um carrinho com um guarda-sol improvisado e abastecido de inúmeras garrafas de cloro.

Que nos conhece por nome e que se lança todos os dias à lida para levar para casa o seu sustento e o de sua esposa acamada, e, surpreendentemente, faz isso com o sorriso mais doce que meus olhos já contemplaram. Deleuze nos anunciou: "O poder requer corpos tristes", mas estes, escolhem sorrir porque a alegria é resistência e a sua perda é a última rendição. Augustos, Marias, Josés... Trabalhadores e trabalhadoras de pés cansados, rostos suados e marcados pelo sol; carregam nos ombros este país governado por incompetentes, sujeitos que ignoram o valor de nossa gente destinando a elas seus restos. Resistem. Não se rendem porque tem na alma fonte cristalina e transbordante de esperança. ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.